

FACCAMP – FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA

ARIANE DE OLIVEIRA ALVES

LIDIANE CRISTINA FRAGOSO

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA
NAS SÉRIES INICIAIS E O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR DA
APRENDIZAGEM

CAMPO LIMPO PAULISTA

2011

ARIANE DE OLIVEIRA ALVES
LIDIANE CRISTINA FRAGOSO

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA
NAS SÉRIES INICIAIS E O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR DA
APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia, sob
orientação da Professora Ms. Lilian V. S.
Steffens.

CAMPO LIMPO PAULISTA
2011

- ✓ Dedico este trabalho ao meu filho Bruno minha eterna inspiração para a realização dessa pesquisa e quantas forem necessárias, aprofundando meus estudos e conhecimentos e com isso posso compreendê-lo nas suas reais dificuldades para ajudá-lo da melhor maneira possível, não quero que ele seja o melhor, pois para mim sempre vai ser o melhor, quero apenas suavizar o sofrimento dele diante das dificuldades e que ele possa vencer os obstáculos da vida de cabeça erguida.

Lidiane

- ✓ Dedico este trabalho aos alunos que já passaram por minhas mãos e me ajudaram a ser uma pessoa melhor e amar a minha profissão.

Ariane

- ✓ Agradeço a Deus o criador que está acima de todas as coisas deste mundo, concebendo nossos desejos e vontades de forma oculta. Deus obrigado por me dar força e sabedoria para conquistar mais esta etapa da minha vida.
Agradeço aos meus pais queridos Luis Fragoso e Maria Fragoso, pela confiança, amor, cuidado e sabedoria, pois puderam me proporcionar este presente.
Agradeço aos meus irmãos Éder e Edicássio que são grandes companheiros, agradecendo também as caronas.
Agradeço ao meu marido Luis Henrique e meus maravilhosos filhos Bruno e Felipe que são minha vida, obrigada pela paciência, compreensão, por me ajudar e por me fazer tão feliz.
Quero agradecer a minha querida amiga Ariane que me ajudou e vem ajudando muito nessa nova etapa da minha vida, sempre me confortando nos momentos difíceis, angústias e compartilhando alegrias.
Em especial as amigas Bruna Gonçalves, Bruna Santana, Rita e Carla e que nos ajudaram diretamente e indiretamente nessa pesquisa.
Agradeço a Lilian nossa coordenadora e orientadora que auxiliou, facilitando a realização do nosso projeto de pesquisa.

Lidiane

- ✓ Em primeiro lugar agradecer a Deus por ter me guiado até esta etapa de minha vida, permitindo a realização deste curso.
Agradeço a colaboração dos meus pais, dos meus irmãos e em especial meu namorado Kleber que me auxiliou e apoiou nesta trajetória da minha vida.
Agradecer a minha querida amiga e companheira de trabalho Lidiane que com paciência me compreendeu nas horas difíceis da minha vida para a realização deste trabalho.
Em especial as amigas Bruna Gonçalves, Bruna Santana, Rita, Carla e Carlinha que ajudaram e apoiaram de forma direta ou indireta para que chegasse até aqui e finalmente concluisse o curso.
A querida professora e orientadora Lilian, que apoiou e auxiliou na elaboração deste projeto de pesquisa.

Ariane

“Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são retratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.”

Vigotsky

“Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar”

Emilia Ferreiro

“Através dos outros, nos tornamos nós mesmos”.

Vigotsky

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo observar o papel do professor como motivador ou mediador da aprendizagem da criança. Tomando por base a teoria de Vigotsky, em especial a questão do desenvolvimento proximal e real e o papel do professor no processo de alfabetização, com base na observação de atuação de um professor em sala de aula, conclui-se que a mediação do professor, aliada a um diagnóstico precoce sobre dificuldades de aprendizagem, possibilita a recuperação do estudante.

Palavras-chave: Vigotsky; dificuldades de aprendizagem; alfabetização e letramento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 - DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	11
1.1. SOBRE VIGOTSKY	11
1.2 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO	11
1.3. O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL E REAL.....	12
1.4 O PAPEL DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	13
2 - DIFICULDADES E DISTÚRBO DE APRENDIZAGEM	15
2.1 RELATO DE OBSERVAÇÃO	18
2.2 ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	19
3 - O FRACASSO NA ALFABETIZAÇÃO	24
3.1 A ESCRITA E A ALFABETIZAÇÃO	25
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	31
ANEXO 1- PRODUÇÃO DO ALUNO M.	31
ANEXO 2- PRODUÇÃO DO ALUNO D.....	32
ANEXO 3- PRODUÇÃO DA ALUNA L.....	33

INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita nas séries iniciais são assuntos vivenciados diariamente por educadores nas escolas. Com o intuito de discutir esse assunto, esta pesquisa aborda o desafio dos educadores em identificar e compreender as principais dificuldades que os alunos das séries iniciais vêm enfrentando no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Sobre este tema é pertinente questionar: Quais fatores podem afetar a aprendizagem dos alunos? Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores nas salas de aula no que se refere a problemas de aprendizagem dos alunos? Os professores compreendem o processo de aprendizagem da criança e realmente identificam os problemas de aprendizagem de seus alunos? Os professores estão preparados para o processo de ensino?

Acreditamos encontrar direcionamentos a essas perguntas com esse trabalho, bem como estimular, mediante a compilação de dados e informações obtidas com a pesquisa de campo, a reflexão, enquanto futuras professoras, sobre como proceder para identificar os problemas que nossos alunos possam apresentar na fase escolar.

Justifica-se o estudo desse assunto pelo fato de que pesquisadores, como Vigotsky, por exemplo, mostram que as crianças com dificuldades de aprendizagem constituem um grande desafio para muitos professores. No entanto, não é raro encontrarmos educadores rotulando esses alunos como inquietos, perturbados, desatentos, preguiçosos, desinteressados, sendo em comum o esquecimento deles em sala de aula. Com tal falta de observação de muitos professores e descaso, literalmente “matamos” o aprendizado dessas crianças.

Portanto, o objetivo deste estudo foi observar o papel do professor mediador da aprendizagem da criança. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos pesquisa bibliográfica e observação de uma sala de aula com alunos apresentando dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita. A base teórica é constituída pelos escritos de Vigotsky, educador que abordou desenvolvimento humano e o aprendizado como temas centrais de suas obras e nos trouxe contribuições valiosas

para a compreensão, como educadores, do desenvolvimento intelectual do ser humano.

Este trabalho está assim constituído: o primeiro capítulo do trabalho apresenta um breve histórico sobre Vigotsky e a base teórica. No segundo capítulo, são destacadas as principais dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, e o relato de observação realizado em uma escola pública do interior de São Paulo com uma turma do 3º ano do ensino fundamental. O terceiro e último capítulo trata da alfabetização e letramento analisando o papel do professor como agente mediador da aprendizagem.

OBJETIVOS: O objetivo geral deste trabalho é observar as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita e o papel do professor como mediador da aprendizagem no início da alfabetização. Para isso apresentamos os objetivos específicos:

- ✓ Realizar estudo bibliográfico que aborde o tema.
- ✓ Analisar as possíveis dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.
- ✓ Observação para verificar o papel do professor em sala de aula.
- ✓ Conhecer e estudar o processo de alfabetização numa proposta construtivista sociointeracionista.

JUSTIFICATIVA: O interesse pelo tema dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais e o papel do professor como mediador da aprendizagem, decorre da vivência com crianças que apresentam problemas em sua aprendizagem inicial, tornando-se um desafio para muitos professores trabalhar com esses alunos, muitas vezes pela falta de conhecimento dos próprios professores em identificar precocemente as dificuldades de aprendizagem de seus alunos, e saber como o professor trabalha a alfabetização com esses alunos.

METODOLOGIA: Este trabalho se compõe de levantamento bibliográfico sobre Vigotsky e a base teórica sobre desenvolvimento e aprendizagem, as principais dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita que alunos estão enfrentando

no processo de alfabetização e o relato de observação realizado em uma escola pública do interior de São Paulo numa turma do 3º ano do ensino fundamental. Concluindo sobre as teorias de alfabetização e letramento analisando o papel do professor como agente mediador da aprendizagem. Técnicas de coleta utilizadas fontes bibliográficas e observação.

1 - DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

1.1. SOBRE VIGOTSKY

Esta pesquisa se baseou nos princípios teóricos de Vigotsky, visto que sua influência no campo do desenvolvimento e aprendizagem intelectual nas crianças em fase escolar faz-se sentir até hoje, quase 80 anos após sua morte.

Segundo Oliveira (2006), Lev S. Vigotsky (1896 – 1934) foi um profissional formado em direito, medicina, filosofia e psicologia. Também foi professor e pesquisador, atuando em Moscou. Desenvolveu sua teoria por meio da observação com relação ao desenvolvimento do indivíduo, levando em consideração o papel da linguagem e da aprendizagem como pontos essenciais para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Por meio da educação, ou instrução, os estudantes vão aprendendo, mediante experiências que já tiveram e que estão adquirindo.

1.2 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO

De acordo com Oliveira (2006), o desenvolvimento humano e o aprendizado são temas específicos centrais no trabalho de Vigotsky, sendo que foi muito enfatizado, em todas as suas obras, o processo de aprendizagem. Oliveira (2006) destaca alguns pontos básicos sobre a teoria de Vigotsky, os quais apresentamos a seguir:

Vigotsky defende que desde o nascimento da criança o aprendizado está relacionado com o desenvolvimento das funções psicológicas. Estas devem ser organizadas culturalmente (lembremos a questão de aprendermos com experiências, tanto passadas quanto atuais). Parte desse desenvolvimento deriva do processo de maturação de nossas funções orgânicas; outra parte vem do aprendizado, o qual é responsável por estimular o desenvolvimento de nossos

processos internos de desenvolvimento. É importante lembrar que o convívio com o ambiente social e cultural é, para Vigotsky, condição para que aconteça o processo de leitura e de escrita, pois tal processo deriva do contato com esse ambiente.

Assim, aprendizado ou aprendizagem é um processo pelo qual nós adquirimos informações, valores, habilidades no decorrer de nossas experiências com outros, ou seja, do convívio com o ambiente social e cultural que foi apontado anteriormente. Logo, o processo de ensino e aprendizagem terá sempre uma interação, pois envolve pessoas – professores, alunos e o próprio meio ambiente. No dizer de Oliveira (2006): “O ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”. (OLIVEIRA, 2006, p. 57). Logo, é grande a importância que Vigotsky dá ao papel da parte social no desenvolvimento dos alunos.

1.3. O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL E REAL

Para apreensão deste conceito, que é essencial na compreensão da relação entre o desenvolvimento de uma pessoa e seu aprendizado, adotaremos a linha de Oliveira (2006) que busca exemplificar as ações de uma criança para adentrar a esse conceito. Vejamos:

Primeiramente, observamos as ações de uma criança. O que ela realiza sem a interferência de alguém, ou seja, com autonomia, é considerado um nível de desenvolvimento real. Quando, no entanto, ela realiza algo (uma tarefa como, por exemplo, andar) com o auxílio de alguém (pai, uma criança maior), estamos nos referindo a uma capacidade potencial, que é também chamada de nível de desenvolvimento potencial. O próprio nome já nos auxilia a compreender a ideia – embora não saiba realizar a tarefa sozinha, apresenta um aprendizado com a interferência de alguém, isto é, possui um potencial de realização, no futuro, desta mesma atividade ou tarefa sozinha. Quando isto ocorrer, diz-se que a criança alcançou um desenvolvimento completo da atividade ou tarefa (desenvolvimento real).

Então, conclui Oliveira (2006) que, a partir dos dois níveis de desenvolvimento real e potencial, Vigotsky define a zona de desenvolvimento proximal, a qual faz referência ao caminho que a criança vai percorrer para desenvolver funções que a levem a amadurecer na execução de uma atividade ou tarefa. Esse caminho é que apresenta o destaque para a questão da experiência e da socialização.

1.4 O PAPEL DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

“Nas sociedades letradas a escola tem papel central no desenvolvimento das pessoas”. (OLIVEIRA, 2006, p.61).

O ponto central neste subitem é que a escola, na visão de Vigotsky, apontada em Oliveira (2006), exerce um papel deveras importante enquanto a criança percorre o caminho entre o desenvolvimento potencial e o real. A partir de um nível de conhecimento real da criança, a escola deve estimular o alcance de novas etapas, conduzindo a criança, de acordo com sua idade, seu nível de conhecimento e suas habilidades, a galgar novos passos rumo à construção de um novo conhecimento. Seria como exemplificado anteriormente, similar ao processo de ensinar uma criança a andar. Até dado momento, ela precisa de ajuda para andar sozinha. A partir de seu aprendizado no nível de desenvolvimento potencial, ela dá seus primeiros passinhos, cai, levanta, até que aprende e se afirma. Seu aprendizado passa, então, a ser real.

O professor, portanto, tem essa função de estimular, mediante o conhecimento prévio do nível de conhecimento de seus próprios alunos, o alçarem novos passos em busca da construção do conhecimento. Ao professor cabe compreender o entorno para dele extrair elementos que possibilitem o melhor aprendizado de seus alunos. A intervenção pedagógica é parte desse caminho para se chegar ao real. Por isso, Oliveira (2006) destaca que o professor tem papel fundamental para o desenvolvimento de seus estudantes, mediante o processo de interferência, com estímulos adequados, na zona de desenvolvimento potencial, objetivando que seus estudantes tenham avanços que não ocorreram de forma

espontânea. Essa interferência na ocorre somente por meio do professor, mas também por meio dos colegas que estão em etapas mais avançadas.

É interessante ressaltar o papel dado à imitação. “Ao imitar a escrita do adulto, por exemplo, a criança está promovendo o amadurecimento de processos de desenvolvimento que levarão ao aprendizado da escrita”. (OLIVEIRA, 2006, p.63). O que deve ser destacado é que o conceito de imitação não é simplesmente uma cópia, mas é uma cópia com um *plus*, com algo que possibilite a criança a evoluir mediante a observação, a compreensão e o aprendizado de algo que antes não sabia fazer. Novas experiências trazem novos aprendizados.

A interação social é um ponto importante nesse aprendizado, porque dela derivam novos aprendizados, da socialização e da intervenção do professor os alunos podem amadurecer suas tarefas e ações e, com isso, evoluir. Em resumo: “A escola deve ser, por princípio, um local privilegiado para se aprender, qualquer que seja o aprendiz”. (ZORZI, 2010, p.5).

Portanto, todos os educadores ou profissionais que trabalham de alguma forma com o desenvolvimento infantil, devem compreender o processo de desenvolvimento e aprendizagem, assim como os mecanismos cujos déficits podem gerar alterações no aprendizado. Vejamos, no próximo capítulo as diferenças entre transtorno de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem, e a proposta de letramento no processo de alfabetização.

2 - DIFICULDADES E DISTÚRBIO DE APRENDIZAGEM

De acordo com o CID-10 (1999), os distúrbios de aprendizagem são definidos como “Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares”, conforme apresentado:

O termo “transtorno” é usado por toda a classificação, de forma a evitar problemas ainda maiores inerentes ao uso de termos tais como “doença” ou “enfermidade”. “Transtorno não é um termo exato, porém é usado para indicar a existência de um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente reconhecível associado, na maioria dos casos, o sofrimento e interferência com funções pessoais.” (CID-10, 1992:5).

Qualquer criança, adolescente ou pessoas na fase adulta, pode apresentar dificuldades de aprendizagem em seu cotidiano escolar, e essas dificuldades podem ser enfrentadas por professores, pais e responsáveis que convivem com esses indivíduos.

Por vezes, crianças e adolescentes são “rotulados” e tem sua imagem denegrida como preguiçosas e desinteressadas, e na maioria das vezes isso acontece em função da falta de conhecimento de seus professores. As próprias crianças acabam sendo o alvo para tentar explicar o fracasso escolar e a culpa por não aprenderem é retribuída a elas mesmas. Em muitos casos, essas crianças e adolescentes têm sua autoestima prejudicada, levando esse sentimento até a vida adulta. Isso impede, de modo geral, o desenvolvimento do processo de ensino, isentando o próprio sistema de ensino de qualquer erro ou defasagem em sua qualidade.

Porém, existe um grande número de educadores que desconhecem os distúrbios de aprendizagem, ou não possuem as capacidades necessárias para lidar com tal, agindo de forma incorreta quando estão trabalhando na alfabetização ou em atividades de leitura e escrita.

É preciso analisar as dificuldades de aprendizagem considerando todo o processo e não apenas a capacidade de quem aprende ou de deixa de aprender. É fundamental que os professores conheçam os problemas mais comuns relacionados à aprendizagem, para saber agir corretamente diante deles, ou ao menos para identificar alunos que precisam de ajuda de profissionais especializados.

As dificuldades no processo de aprendizagem podem ser fruto de diversas causas, como problemas nos sentidos (audição, visão); conflitos no ambiente familiar, defasagem na qualidade do ensino, falta de adaptação ao método utilizado, não gostar de determinada disciplina, diferenças culturais, problemas sociais como a desnutrição, questões genéticas, ocorrência de acidentes e muitas outras. Não se trata, portanto, de algo simples ou de um problema de inteligência. Há diversos alunos que possuem quociente de inteligência alto ou acima da média, mas mesmo assim não conseguem ter um rendimento satisfatório em seus estudos. Conforme Scoz, apud Santos et al.:

(...) “Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações” (Scoz 1994, apud SANTOS et. al. 2009, p.19).

As dificuldades de aprendizagem são, na maioria das vezes, percebidas no início da aprendizagem, sendo que a maioria dos alunos apresenta dificuldades na leitura e escrita, ficando com a alfabetização prejudicada.

De acordo com Johnson e Myklebust (1991), o aprendizado somente é normal quando certas integridades básicas são respeitadas e quando são dadas oportunidades para os alunos aprenderem. O professor, portanto, como apontado anteriormente, tem um papel importante no estímulo, na motivação, na mediação e socialização para que esse processo de aprendizado ocorra.

Um ponto importante a ser destacado, de acordo com Santos (2009), é a questão do ambiente escolar e do contexto familiar, duas variáveis que impactam na aprendizagem. Como Oliveira (2006) sublinhou, ao apresentar a teoria de Vigotsky, a interação social impacta no aprendizado e as experiências com os outros, com o ambiente, são condições de formação.

Há pressões do próprio contexto social, como as competições entre os alunos, a cobrança dos pais e professores, a própria cobrança social. Ainda que a aprendizagem seja algo esperado, ela não ocorre sem percalços. Esses percalços podem se tornar difíceis barreiras a serem transportadas, no decorrer dos anos, se os estudantes não tiverem um suporte adequado, ou seja, não basta ter um professor que somente possua habilidade técnica, mas é essencial que o professor seja um profissional que tenha interesse em identificar eventuais limites ou dificuldades de aprendizagem.

Conforme Santos (2009), as dificuldades iniciais de aprendizagem podem acarretar posturas que levem ao desinteresse e até as situações de agressividade. O problema principal é que o estudante sofre com o problema e se o professor não tiver essa competência ou interesse em identificar os distúrbios iniciais ou encaminhar o estudante a profissionais especializados, quando for o caso, o problema não somente perdurará, mas ampliará com o decorrer dos anos.

De igual forma como apontaram Santos (2009), para Strick e Smith (2001), as dificuldades de aprendizagem são questões complexas, que envolvem diversas áreas, como já comentado anteriormente. Identificar, verdadeiramente, o que corresponde a tais dificuldades não é uma tarefa simples. Ademais, conforme está sendo discutido, transtorno de aprendizagem é uma disfunção bem distinta do que é dificuldade. Dentro dessa proposta, vamos analisar as dificuldades específicas de leitura e escrita que são elas dislexia e disgrafia, a mais agravante dentre elas.

Segundo Santos (2009) o transtorno específico de leitura também conhecido como dislexia, é caracterizado pelas dificuldades de entender palavras escritas e a soletração, pode-se afirmar que se refere a um transtorno de habilidades de leitura, o que não está interligado a idade mental ou baixo nível de escolaridade.

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de origem constitucional caracterizado por uma dificuldade na decodificação de palavras simples que, como regra, mostra uma insuficiência no processamento fonológico. Essas dificuldades não são esperadas com relação à idade e a outras dificuldades acadêmicas cognitivas; não é um resultado de distúrbios de desenvolvimento geral nem sensorial. A dislexia se manifesta por várias dificuldades em diferentes formas de linguagem freqüentemente incluindo, além das dificuldades com leitura, uma dificuldade de escrita e de soletração (G, Reid Lyon 1995, apud SANTOS et. al. 2009, p. 22 e 23)

O transtorno de leitura é caracterizado por distorções, substituições e omissões de palavras e letras na leitura oral, essa leitura pode ser feita em voz alta ou silenciosa caracterizada por lentidão e erros de compreensão. (Santos, 2009)

Conforme Santos (2009) aponta a disortografia é um transtorno específico da escrita, onde a não habilidades de escrita sendo perceptível, o baixo nível do esperado. Quase sempre, existe uma combinação de dificuldades na capacidade do indivíduo de composição de textos escritos contendo muitos erros de gramáticas, pontuação dentro das frases, parágrafos má organizados, sendo compostos de muitos erros de ortografia e caligrafia ruim.

A disortografia não aparenta uma escrita, não necessariamente disgráfica, mas os erros são numerosos, manifestados assim que adquire os mecanismos da leitura e da escrita. Um sujeito é disortográfico quando comete um grande número de erros.

Uma má alfabetização ou se o ensino for transmitido de maneira incorreta na leitura e na escrita, especialmente na fase de iniciação a alfabetização que é a base para a estrutura da formação, pode originar lacunas criando consequências de insegurança para a criança ao escrever.

Segundo Oliveira (2006), Vigotsky considerava importante o desenvolvimento do aprendizado da linguagem escrita (conceitualmente, um sistema simbólico de representação da realidade), e havia nesse educador uma preocupação com a forma por meio da qual a criança aprendia – ou adquiria – esse aprendizado, porque tal ponto irá se refletir por muitos e muitos anos. Ao professor compete, portanto, compreender o que ocorreu com a criança antes de se iniciar a alfabetização de maneira formal (escola).

De acordo com Teberosky (1991):

“A aprendizagem da escrita não é uma tarefa simples para a criança, já requer um processo complexo de construção em que suas ideias nem sempre coincide com as dos adultos. Para ler bem é preciso escrever bem. É um exercício constante, requer estímulo, requer conhecer o limite de casa um e imprescindivelmente dar sentido ao que está sendo proposto. A sala de aula é um ambiente de troca da qual o professor ensina e é ensinado. (Teberosky, 1991, apud SANTOS et. al. 2009, p.29).”

Conforme Santos (2009) apontou em Ferreiro e Teberosky (2001), o professor, principalmente o das séries iniciais, tenha maior conhecimento da psicogênese da língua escrita para entender a forma e o processo pelos quais a criança aprende a ler e a escrever, para detectar e entender os erros construtivos característicos das fases em que se encontra a criança e para saber desafiar seus alunos, levando-os ao conflito cognitivo, isto é, forçando a criança a modificar seus esquemas assimiladores frente a um objeto de conhecimento não-assimilável.

2.1 RELATO DE OBSERVAÇÃO

Para aprofundarmos nosso estudo, fomos a uma escola localizada no município do interior de São Paulo, observar alunos que estão apresentando

dificuldades de aprendizagem na linguagem oral e escrita nas séries iniciais. Essa escola é uma instituição pública, que está localizada num bairro afastado e por isso tem poucos alunos (em média, 70 na escola). A escola atende a alunos de educação infantil (4 e 5 anos) até o 5º ano (4ª série).

Realizamos nossas observações na sala de aula da turma do 3º ano (antiga 2ª série). Esta turma é composta por dez alunos, sendo cinco meninos e cinco meninas. A professora relatou que seus alunos estão em níveis diferentes de aprendizagem, e como o grupo é bem pequeno, ela consegue dar atenção e observar cada aluno na sua individualidade e especificidade.

Percebemos que a professora tem muita paciência, demonstrando ser muito amorosa com seus alunos, principalmente com aqueles que precisam de mais atenção e intervenção adequada. Ela consegue de forma bem dinâmica aplicar os conteúdos, a fim de que todos participem expondo suas opiniões. Sua atuação também envolve o questionamento constante, procurando identificar e voltar quando não entendem determinados conteúdos. Como destaca Demo (2003):

[...] ensinar já não significa transferir pacotes sucateados, nem mesmo significa meramente repassar o saber. Seu conteúdo correto é motivar o processo emancipatório com base em saber crítico, criativo, atualizado, competente. Trata-se não de cercear, temer, controlar a competência de quem aprende, mas de abrir-lhe a chance na dimensão maior possível. Não interessa o discípulo, mas o novo mestre. Entre o professor e o aluno não se estabelece apenas hierarquização verticalizada, que divide papéis pela forma do autoritarismo, mas, sobretudo confronto dialético. Este se alimenta da realidade histórica formada por entidades concretas que se relacionam de modo autônomo, como sujeitos sociais plenos. (DEMO, 1993, apud MELO et. al. 2002, p. 15 e 16).

2.2 ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Neste grupo do 3º ano, três alunos apresentam dificuldades específicas na leitura e escrita e como tais distúrbios foram diagnosticados já no início do ano, conforme apontado na teoria apresentada anteriormente houve o encaminhamento a profissionais especializados. Os três estão sendo acompanhados por uma psicopedagoga que os atende uma vez por semana, em média 50 minutos de atendimento. Esse diagnóstico precoce facilita a recuperação dos estudantes. Vejamos, a seguir, cada situação específica sendo que, para preservar a identidade dos estudantes, os identificaremos por letras, somente:

M. é um aluno repetente, sendo o mais velho do grupo já com 10 anos completo. Ele é um garoto bem ativo, falante e muito desinteressado. Dadas essas características, qualquer estímulo tira a sua atenção. M. se dispersa facilmente, com qualquer pequeno estímulo externo.

Com o acompanhamento psicopedagógico, M. está alfabetizado, porém ainda sua leitura é muito precária. Ele lê pausadamente soletrando as sílabas e as palavras complexas muitas delas não consegue ler. M. afirma que não gosta de ler e não demonstra interesse algum, por isso seu repertório de idéias é pobre quando produz textos. Não sabe segmentar, não usa pontuação adequada e acaba escrevendo de qualquer jeito para terminar logo. Seus textos são escritos com no máximo cinco linhas e para M. ali está escrito sua história.

A professora relatou que ele vem apresentando melhoras no seu quadro e está avançando em seus conhecimentos, no entanto, não tem muito apoio familiar quanto aos assuntos relacionados à escola. Novamente, reflete-se aqui a teoria – lembremos da importância da família e de seu impacto nos distúrbios de aprendizagem. (O anexo 1 demonstra a produção de texto de M.)

D., de 8 anos, é um aluno muito carente, pois conforme a professora relatou, a mãe trabalha durante à noite em um hospital, não tendo tempo para atender as suas necessidades. Ele fica o maior tempo com a sua avó e, por conta disso, não tem atenção que necessita dos pais. Sendo assim, D. por vezes apresenta agressividade tanto verbal como física com seus amigos. Como destacado: “Strick e Smith (2001) ressaltam que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal.” (Strick e Smith, 2001, apud SANTOS et. al. 2009, p.14)

D. iniciou atendimento psicopedagógico e vem apresentando uma “pequena” evolução em sua aprendizagem. D. é uma criança que dispersa com muita facilidade, qualquer movimento ao seu redor tira a sua atenção, ele não consegue finalizar todas as atividades propostas no dia, principalmente quando tem que pensar e escrever sozinho, quer dizer usar o conhecimento que tem para escrever.

Em relação às atividades de leitura, D. necessita de auxílio, sendo comum a professora ou um amigo ajudá-lo lendo para ele (lembremos Vigotsky e o processo de interação social, a imitação, o estímulo de um mais velho). Após a leitura, a professora faz questionamentos sobre o texto lido para verificar se ele conseguiu

entender, realizando em primeiro lugar a ação oral e depois o auxilia no registro conforme Vygotsky aponta, citado por Santos (2009):

“[...] o auxílio prestado à criança em suas atividades de aprendizagem é válido, pois aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará realizando sozinha. Desta forma, o autor enfatiza o valor da interação e das relações sociais no processo de aprendizagem.” (VYGOTSKY, 1989, apud SANTOS et. al. 2009, p.12)

A produção de D está no anexo 2.

Em agosto de 2011, a escola recebeu uma aluna, que chamaremos de L., a qual veio de outro estado do sul, e conforme as atividades de diagnóstico a professora pode perceber que a aluna também apresentava dificuldades na leitura e escrita, sendo o caso mais crítico de dificuldades apresentados até agora com esse grupo. A aluna L. chegou à escola extremamente insegura. Para ampliar o problema, L. é muito tímida e para a professora conseguir fazê-la participar, foi necessárias diversas intervenções e vários dias.

Quando era solicitada a ler (pequenas palavras ou frases), L. dizia que estava com dor de cabeça, isso conforme a mãe disse era uma válvula de escape para ela não ler, pois L. tinha vergonha por não saber.

L. tem 9 anos e a hipótese de escrita dela é silábica com valor sonoro, isto quer dizer que ela está numa fase inicial de alfabetização. Com relação à leitura, esta é muito precária. L. lê com muita dificuldade, não consegue juntar as sílabas e formar a palavra.

Conforme a mãe da L. relatou, sua filha foi criada pelos avós, pois a mãe trabalhava o dia todo. Para que não sentisse falta da mãe, a avó de L. a supria de tudo que desejava. Na realidade, a avó fazia tudo para a menina e com isso ela não aprendeu a ter autonomia, apresentando agora sérios problemas tanto emocionais e pedagógicos. Lembremos que o aprendizado real exige como condição, a autonomia. Após o atendimento com a mãe, a psicopedagoga começou a atender a aluna, pois L. necessita de muito apoio e auxílio pedagógico. A produção de L. está no anexo 3.

Com relação à professora da classe, ela é formada no magistério e está concluindo a faculdade de pedagogia este ano, mas já leciona há mais ou menos seis anos. Durante esse tempo, ela trabalhou com a educação infantil e ensino fundamental, antiga 1º série (atual 2º ano) e teve a oportunidade de participar de um curso fornecido pela prefeitura, de onde já é professora efetiva há quatro anos. O

curso chamado letra e vida (antigo PROFA) a possibilitou ter a experiência de ser professora alfabetizadora e conhecer e ter embasamento teórico para aprender a trabalhar leitura e escrita com o novo método chamado “construtivista”. Adicionalmente, a professora trabalhou três anos seguidos em um colégio particular com 1º e 2º ano (alfabetização) e adquiriu mais experiência para lidar com alunos com dificuldade de aprendizagem.

Com esta turma, a professora trabalha com a interação entre os grupos, organizando os alunos de acordo com o nível de escrita em que cada um se encontra os chamados “grupos produtivos”. Ela tem um mapa de alfabetização, no qual bimestralmente registra uma sondagem para verificar em que nível de escrita os alunos se encontram. Essas atividades fazem parte de um portfólio (documento este em que anexa as atividades dos alunos para verificar o avanço de cada um).

Sendo assim, ela tem clara a hipótese de escrita de seus alunos, podendo agrupá-los para que o trabalho seja produtivo e com esse documento em mãos ela consegue focar onde seus alunos apresentam mais dificuldades e, portanto, pode desenvolver atividades que atendam a cada necessidade. Atua, por conseguinte, de acordo com a teoria.

“Souza (1996) afirma que as dificuldades de aprendizagem aparecem quando a prática pedagógica diverge das necessidades dos alunos. Neste aspecto, sendo a aprendizagem significativa para o aluno, este se tornará menos rígido, mais flexível, menos bloqueado, isto é, perceberá mais seus sentimentos, interesses, limitações e necessidades.” (Souza, 1996, apud SANTOS et. al. 2009, p.15)

Desta forma a professora cria oportunidades para que seus alunos avancem em seus conhecimentos independentes das dificuldades enfrentadas por eles para ler e escrever, e concorda com Santos (2001)

“Enquanto ainda não sabe ler, leio tudo para as crianças “(Santos, 2001, p.12).

Segundo Santos (2009) a alfabetização parte do pressuposto de que enquanto a criança ainda não domina a leitura e a escrita, é necessário que o professor conduza a leitura e, conseqüentemente, vá conduzindo o educando a ter autonomia para também ler de forma a expandir seus horizontes na construção do conhecimento.

Conforme foi observado na escola os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem precisam da mediação do professor, para avançarem em seus

conhecimentos, e quando essa mediação não acontece os alunos perdem o interesse, ficam desmotivados e sem autoestima, com isso acabam sendo prejudicados na alfabetização, veremos mais sobre o fracasso na alfabetização no capítulo seguinte.

3 - O FRACASSO NA ALFABETIZAÇÃO

Os professores que trabalham com as séries iniciais devem conhecer como se dá o processo de aquisição e desenvolvimento da língua escrita pela criança no início de sua aprendizagem, e entender a natureza desse objetivo. A linguagem escrita é questão fundamental para que o professor possa entender e respeitar o processo de desenvolvimento de aprendizagem da criança. A partir daí, o educador tem condições de intervir e propor atividades adequadas que favoreçam o processo de aprendizagem da criança. Por isso, o professor precisa de conhecimentos teóricos sólidos para embasar sua prática. Portanto, ele precisa de uma boa formação inicial e continuada. (Campos, 2011)

Esse é um grande desafio para muitos professores, pois o ensino da língua escrita tem sido ultimamente o centro de discussões e debates no sentido de melhorar a formação de nossos alunos para tornarem leitores e escritores competentes. Pesquisas nos mostram o fracasso da grande maioria dos estudantes que passam oito, dez anos na escola e não sabem ler e escrever um texto adequadamente. Não sabem fazer uso competente da leitura e escrita no seu dia-a-dia para resolver seus problemas, não sabem buscar informações em um jornal, escrever um artigo, uma carta, um ofício ou preencher um formulário.

A criança, quando inicia sua vida escolar demonstra muito interesse e muita expectativa em relação à escola e aos professores, mas, aos poucos, vai perdendo o entusiasmo pelo aprendizado. Por que tudo isso acontece? Por que as crianças não aprendem? Por que a maioria tem tanto medo e dificuldade de ler e escrever? E o que a escola e o professor podem fazer para superar essas dificuldades e oferecer um ensino de qualidade? E ainda, como trabalhar a língua escrita para que a criança tenha um bom desempenho? Como a escola pode garantir o direito de aprender? Como tornar essas crianças leitoras e escritoras?

Acreditamos que a escola e as práticas pedagógicas têm um grande papel na vida acadêmica de uma criança. Pois a maneira como o professor concebe o ensino da língua pode contribuir positivamente ou negativamente para o desenvolvimento da aprendizagem do seu aluno, pode trazer tanto o sucesso como o fracasso.

Temos presenciado a maioria dos professores reclamarem que seus alunos não aprendem por que não tem interesse. Acabam sendo “rotulados” por seus

educadores como preguiçosos, bagunceiros, desatentos e os professores acabam jogando a culpa nas próprias crianças ou no meio cultural pelo fracasso dos alunos e nada fazem para superar as dificuldades, neste jogo quem perde é o aluno.

Com isso, é preciso que o professor esteja consciente que:

... ensinar já não significa transferir pacotes sucateados, nem mesmo significa meramente repassar o saber. Seu conteúdo correto é motivar o processo emancipatório com base em saber crítico, criativo, atualizado, competente. Trata-se não de cercear, temer, controlar a competência de quem aprende, mas de abri-lhe a chance na dimensão maior possível. Não interessa o discípulo, mas o novo mestre. Entre o professor e o aluno não se estabelece apenas hierarquização verticalizada, que divide papéis pela forma do autoritarismo, mas, sobretudo confronto dialético. Este alimenta-se da realidade histórica formada por entidades concretas que se relacionam de modo autônomo, como sujeitos sociais plenos. (DEMO, 1993, apud MELO e DIAS 2002, p. 15 e 16).

Conforme Emilia Ferreiro (2000), “as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido”.

Segundo a autora os adultos acabam dificultando esse processo, sendo que deveria ser um momento mágico e encantador para as crianças que estão em constante aprendizado. Tudo isso tornou o processo mais difícil produzindo fracassos escolares desnecessários, mas tornou a experiência da alfabetização uma experiência traumática para muitas crianças.

3.1 A ESCRITA E A ALFABETIZAÇÃO

Desde muito cedo as crianças vivem em um mundo orientado pela linguagem escrita, convivem diariamente com anúncios, rótulos, jornais, livros, revistas, placas de informação, etc.

Há vários anos estudos estão sendo realizados, com base nas teorias construtiva e sócio-interacionista, abordando que os profissionais da educação devem conhecer em primeiro lugar como se dá o processo de aquisição e desenvolvimento da língua escrita pela criança no início de sua aprendizagem, e entender a natureza desse processo, pois a linguagem escrita são questões fundamentais que os professores precisam saber, para entender e respeitar o processo e desenvolvimento da criança. Sendo assim, o educador terá condição de fazer intervenções e propor atividades adequadas que favoreçam o processo de

aprendizagem da criança. Para isso, o professor precisa de conhecimentos teóricos sólidos para embasar sua prática. Portanto, ele precisa de uma boa formação inicial e continuada para trabalhar de forma adequada com seus alunos, tornando o ensino da linguagem oral e escrita prazerosa.

A escola tem que garantir o direito de todos os alunos a aprender, visto que a aprendizagem da leitura e da escrita é de grande importância para a vida de qualquer aluno, para que este adquira conhecimentos posteriores mais significativos. Cabendo à escola propiciar um ambiente alfabetizador que favoreça esse processo. É na alfabetização que a criança adquire a base para aprender a ler e escrever.

“Emilia Ferreiro e seus colaboradores consideram que a escrita como toda representação, baseia-se em uma construção mental que cria suas próprias regras.” (Fontana, 1997)

A fase de construção da escrita é um grande desafio para a criança, e ao mesmo tempo um problema, porque é difícil para a criança entender que as letras não possuem nenhum significado e só terá, se juntar com outra letra, sendo que as letras podem fazer parte de outras palavras. Conforme Weisz (2006) questiona nas pesquisas sobre, como se dá o processo de construção da escrita na criança, que para ela se apropriar do sistema de escrita a criança precisa construir respostas para duas importantes questões: qual o significado da escrita e a estrutura que a escrita representa.

Se a criança não encontrar respostas concretas para essas das questões fundamentais da importância da escrita e sua estrutura de representação, ela vai tentando adequar suas hipóteses com as informações que recebe do meio que está inserida. Enquanto isso, ela cria hipóteses falsas porém necessárias sobre o que a escrita representa.

Fontana (1997) aborda que Emilia ferreiro e seus colaboradores identificaram que toda criança passa por quatro fases distintas até que esteja totalmente alfabetizada são elas: **Pré-silábica** (não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada); **Silábica** (interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma); **Silábico-alfabética** (mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas) e **alfabética** (domina, enfim, o valor das letras e sílabas).

É de extrema importância que o professor esteja atento e realize intervenções pontuais para ajudar o aluno a avançar na construção do conhecimento. Sendo

assim os professores devem conhecer como o aluno pensa seus interesses e necessidades, diante disto realizar uma sondagem de escrita para identificar qual a fase que seus alunos estão e planejar atividades significativas para que a construção da escrita seja eficaz.

O professor deve tomar cuidado para que a criança não se sinta incapaz de realizar atividades de escrita enquanto não estão alfabetizadas, cabe a ele criar situações que permitam aos alunos vivenciar os usos sociais que se faz da escrita, pois para alguém ser capaz de ler com autonomia é preciso compreender o sistema alfabético e isso depende das oportunidades de ouvir a leitura de textos, participarem de situações nas quais o aprendiz seja o sujeito, protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas. (Letra e Vida, 2005)

[...] “as mudanças necessárias para enfrentar sobre bases novas a alfabetização inicial não se resolvem com um novo método de ensino, nem com novos testes de prontidão nem com novos materiais didáticos. É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das novas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.”

Emilia Ferreiro

Conforme Emilia Ferreiro (2000) aborda o professor tem que acreditar nos seus alunos planejando situações em que eles sejam convidados a escrever coisas, mesmo sem saber escrever, pois é assim que permite ao professor conhecer suas hipóteses de escrita e oferecer boas situações de ensino e aprendizagem. Pois o desempenho dos alunos depende de se sentirem seguros de que não serão recriminados ou punidos por cometerem erros, erros estes que devem ser analisados cuidadosamente, através dos erros dos alunos o professor consciente de sua prática planeja atividades desafiadoras capaz de fazerem os alunos avançarem nas suas hipóteses e se alfabetizarem.

O professor deve dispor de um grande conhecimento sobre o que pensam os alunos a respeito da escrita, pois de nada adianta saber como os alunos aprendem, e não fazer uso desse conhecimento na hora de elaborar seu planejamento. Ele deve propor situações necessárias às necessidades de aprendizagem de cada

aluno, montar agrupamentos produtivos, formular perguntas que os ajudem a pensar, oferecer sugestões e informações uteis para fazê-los avançar em suas aprendizagens. (Letra e Vida, 2005)

Qual é então o papel do professor? Qual a finalidade de “ensinar leitura” na escola?

Segundo Frank Smith (Letra e Vida, 2005) o que acontece na sala de aula é fundamental para muitas crianças, porque pode determinar se elas tornarão leitores ou não.

Para uma criança o professor tem a função mais importante de sua vida a de ensinar a ler e escrever, ele tem que garantir o sucesso na sua alfabetização. Entretanto, ele deve garantir que todas as crianças sejam alfabetizadas no momento certo de sua vida, quando ingressam na escola, onde elas podem ver a linguagem escrita empregada de diversas maneiras, úteis e significativas, mostrando ser algo satisfatório, e frequentemente divertido, diminuindo o fracasso na alfabetização de nossas futuras crianças.

CONCLUSÃO

O presente trabalho apresenta a visão da importância da escola na formação do aprendiz da criança. Em especial, o papel do professor como motivador ou incentivador, ou seja, o professor como mediador deve estar ciente do caminho que a criança percorre para chegar ao desenvolvimento real, o qual, segundo Vigotsky, é o desenvolvimento completo de uma tarefa ou atividade, é a aquisição da autonomia para tal tarefa.

Foi muito enriquecedor, por outro lado, procurar associar a teoria à prática, mediante a observação em uma classe que apresenta três alunos com dificuldade de aprendizagem em leitura e escrita. Durante a observação percebemos que toda a equipe escolar trabalha de forma a desenvolver a interação e as relações afetivas entre todos os alunos e funcionários. Também sentimos um ambiente muito acolhedor, que atende e que aceita as diversidades existentes e trabalha para que o aprendizado aconteça.

É fato que uma situação comum em sala de aula, o desafio de trabalhar com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, pode ser superado com dedicação do professor que deve deixar de lado preconceitos ou estereótipos e procurar identificar, precocemente, as dificuldades dessas crianças. Tanto mais precocemente esse diagnóstico seja dado, tanto mais fácil ou rapidamente teremos chances de auxiliar na recuperação do aluno, seja por meio do atendimento com pessoal especializado, seja mediante um acompanhamento personalizado.

Claro é que classes com poucos alunos favorecem o diagnóstico e a atuação do professor, no entanto, independentemente de condições favoráveis ou não, a conscientização de que as dificuldades de aprendizagem são um assunto complexo que devem ser tratadas como tal é, a nosso ver, o primeiro passo a ser dado para que possamos como professores atuarmos de forma proativa e salutar para favorecermos o caminho de nossos alunos do desenvolvimento potencial ao real.

Concluimos que o papel do professor é decisivo para a alfabetização de seus alunos, por isso ele deve tomar cuidado com a maneira como será concebido esse ensino, para que não corra o risco de ver seus alunos fracassarem na sua aprendizagem e sim fazer com que seu aluno tenha interesse e vontade para construir seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Letycia. **A criança e a construção da leitura e da escrita**. Disponível em <http://www.pedagogiaaopedaleta.com/posts/monografia-a-crianca-e-a-construcao-da-leitura-e-escrita/>. Data de acesso 10/ 10/ 11.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo, Cortez Editora. p. 24. Edição. 2000

FONTANA, Roseli e CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual 1997, p. 240.

JOHNSON, Doris J. e MYKLEBUST, Helmer R. **Distúrbios de aprendizagem: princípios e praticas educacionais**. São Paulo: Livraria pioneira editora 1991, p. 400.

MELO, Maria de N. D. e DIAS, Meriam de J. F. **Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental**. Belém-Pará, 2002, 45p. TCC – UNAMA (Centro de Ciências Humanas e Educação da UNAMA).

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. 4ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 1997, p. 111.

LETRA E VIDA. **Programa de professores alfabetizadores. Coletânea de Textos**. Módulo 1. São Paulo. 2005.

SANTOS, Carla C. P. dos; SILVA, Maria das Graças; VIRGENS, Maria L. M. das; **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental**. Santos, 2009. 40p. TCC – Universidade Metropolitana de Santos, Faculdade de Pedagogia.

ZORZI, Jaime Luiz. **Falando e escrevendo: Desenvolvimento e distúrbios da linguagem oral e escrita**. Curitiba: Editora Melo, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1- PRODUÇÃO DO ALUNO M.

Reescrita

Balada do rei das rezeias

O rei a tirou a seu anel, arma e o chameli nas rezeias, com

paço e um e cor e anel he os rezeias e vato e com

o anel do rei, o rei a tirou e guardado no mar

o rei tirou a sua filha e matou e novo mais vato e

ANEXO 2- PRODUÇÃO DO ALUNO D.

Produção de texto

Reescrita da fábula *A lebre e a tartaruga*.

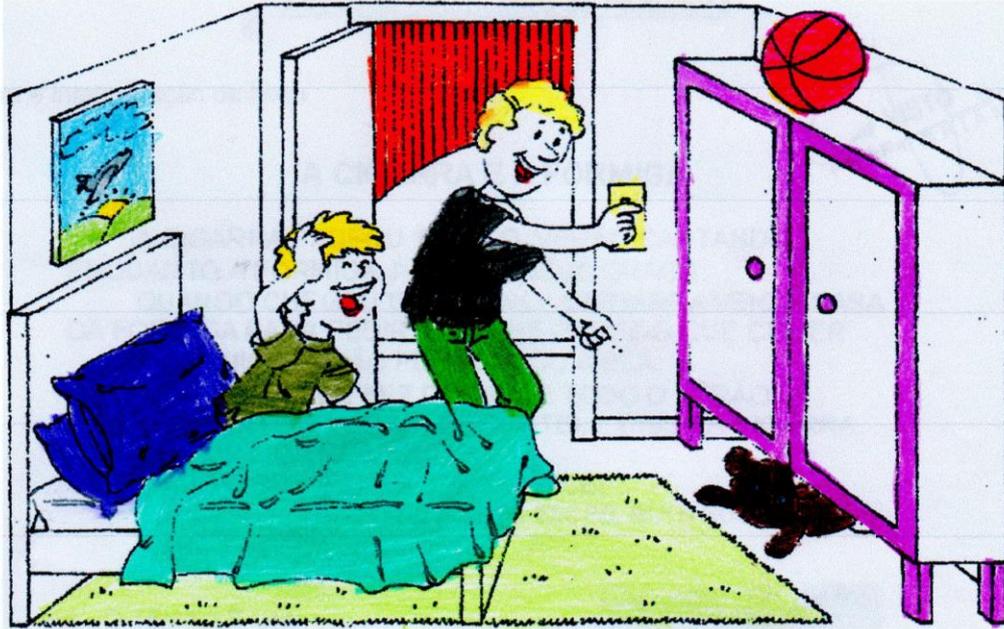
a lebre e tartaruga.

Era uma vez lebre e chon tartaruga vai a porta
com a lebre comezal a corrida na terra lebre
sail como primeiro que tartaruga tartaruga
anda de vargua lebre para pra bucar
um peso e demi tartaruga passal do lebre
tartaruga para da lebre a cada pecuria
tartaruga ganha a corrida lebre temta
chega a corrida.

ANEXO 3- PRODUÇÃO DA ALUNA L.

Produção de texto

Invente uma história que termine com as frases abaixo e dê um título a ela:



meu gato subiu

pai pai um momento tal dor de memória
 calha fopode eu não a fopode tmutocura
 esbio de mentha bildo eu roquazeado
 a fopode eu acia fuzru nabi
 a fuzru é o meu urso quitara de base
 do barcha do guarda-roupa.

meu gato eu vrotei a do
 mir. exemplo. com meu urso e
 a de noite e o meu urso mão
 a cha urso.

Aí, papai acendeu a luz. Os olhos ferozes do monstro deixaram de brilhar.

Começamos a rir. Era o meu ursinho peludo que estava caído embaixo do guarda-roupa.